

BULLYING NA ESCOLA

Inquirindo sobre as razões
promotoras dos conflitos
“entre” e “dos” alunos

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp

Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Maria Teresa Ceron Trevisol

Luana Uberti

BULLYING NA ESCOLA

Inquirindo sobre as razões
promotoras dos conflitos
“entre” e “dos” alunos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trevisol, Maria Teresa Ceron

Bullying na escola : inquirindo sobre as razões promotoras dos conflitos "entre" e "dos" alunos / Maria Teresa Ceron Trevisol, Luana Uberti. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-435-9

1. Bullying 2. Comportamento 3. Comportamento agressivo 4. Conflito interpessoal 5. Convivência 6. Violência nas escolas I. Uberti, Luana. II. Título.

16-05333

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Bullying : Prevenção : Educação 370.15

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

foto de capa: Marina Meirelles Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JULHO/2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| PREFÁCIO..... | 7 |
| <i>Denise D´Aurea-Tardeli</i> | |
| APRESENTAÇÃO | 13 |
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| <i>BULLYING NA ESCOLA:</i> | |
| DE QUE ESTAMOS FALANDO?..... | 23 |
| As partes envolvidas: grupos participantes do <i>bullying</i> | 26 |
| Por que na escola? | 31 |
| O <i>bullying</i> na escola: um fenômeno multicausado | 36 |
| Como agir diante do fenômeno do <i>bullying</i> ? | 42 |
| | |
| OPORTUNIZANDO “VOZ E VEZ” | |
| AOS ALUNOS ADOLESCENTES | 51 |
| Contextualizando a escola | 52 |
| Contextualizando os amigos..... | 58 |
| Contextualizando o conflito/violência na escola | 59 |
| Contextualizando as situações de <i>bullying</i> /conflito | 63 |

| | |
|---|----|
| A promoção de manifestações de <i>bullying</i> na escola | 74 |
| A posição/reação frente a manifestações de <i>bullying</i> | 77 |
| Como os alunos avaliam os encaminhamentos efetuados pela escola frente a manifestações de <i>bullying</i> | 84 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 91 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 95 |

PREFÁCIO

*Denise D'Aurea-Tardeli*¹

O maltrato entre pares – conhecido como *bullying* – é uma realidade que vem acontecendo nas escolas há tempos e por ser considerado um processo normal em uma cultura do silêncio, assistimos a sua perpetuação. Em alguns países da Europa, nos EUA, Canadá, Chile e Austrália, contudo, se tornou um tema vigente há décadas, adquirindo notoriedade graças aos meios de comunicação e às redes sociais, pela difusão das sérias consequências

-
1. Graduação em Pedagogia e Psicologia. Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1999). Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2006). É professora da Universidade Católica de Santos e da Universidade Metodista de São Paulo, atuando na graduação, pós-graduação, projetos de extensão e de pesquisa, orientação de Iniciação Científica. Membro do Grupo de Psicologia e Moralidade da ANPEPP. Experiência com formação de professores do Ensino Infantil, Fundamental e Médio. Experiência em pesquisa na área de Psicologia do Desenvolvimento e Educação, com ênfase em Psicologia Moral, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento moral, aprendizagem, adolescência e projeto de vida, valores morais – solidariedade, respeito. Pós-doutorado em andamento na Faculdade de Educação da USP.

aos seus participantes. Estes, que *a priori* se resumiam à vítima e seu agressor, hoje se estendem para além deles, pois são considerados partícipes também da dinâmica, os espectadores – as testemunhas diretas que presenciam o fenômeno e as indiretas, que são os gestores da escola, a família e a sociedade como um todo. Por isso a solução do problema é complexa, porque não está determinada a uma ou duas pessoas em particular, mas envolve toda uma comunidade.

O *bullying* tem sido caracterizado em diversos estudos por um comportamento agressivo que implica três aspectos: desequilíbrio de poder, exercido de forma intimidadora ao mais fraco, “alvo” que é geralmente escolhido aleatoriamente; intenção premeditada de causar dano a este outro; e a repetição contínua e constante da hostilidade.

O trabalho “*Bullying na escola: inquirindo sobre as razões promotoras dos conflitos “entre” e “dos” alunos*” de Maria Teresa Ceron Trevisol e Luana Uberti trata de todos estes aspectos relevantes que compõem o universo do fenômeno *bullying* e por si só, já é um excelente material de consulta, mas vai além, apontando referências e contextos que superam o senso comum e atualizam a compreensão do processo de intimidação entre pares. Os tipos de *bullying* evidenciados na pesquisa de Trevisol e Uberti, com dados alarmantes, são os diretos, físicos ou verbais, e os indiretos, que compreendem a exclusão social, a difamação ou a intimidação. Por isso, o estudo é precioso no sentido de evidenciar a ocorrência, as manifestações e reações de *bullying* para a sua prevenção nos ambientes escolares, além de apresentarem o “estado da arte” das pesquisas sobre o fenômeno.

Quando nos deparamos com o mapeamento internacional das manifestações de *bullying*, considerando que um único episódio basta para ser diagnosticado, o resultado é preocupante, pois os índices só vêm aumen-

tando estatisticamente. Em pesquisa de 2002, com 5875 alunos entre as 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental no Rio de Janeiro, 40,5% dos alunos admitiram ter estado envolvidos em atos de *bullying*. Em 2003, foi publicada uma matéria na *Folha de São Paulo* na qual indica que a queixa mais comum entre 54,2% dos entrevistados é a de receber apelidos, ser xingado(a) ou ser motivo de piada e que a maioria dos casos – 59,8% – acontece na sala de aula. Em outro estudo internacional de 2004 realizado com 113.200 alunos de 25 países, observou-se que dos 9% de alunos da Suécia, e os 54% dos alunos da Lituânia, havia envolvimento em episódios de *bullying*. Na condição de “vítimas”, os índices vão desde 5% de alunos da Suécia até 20% de alunos da Lituânia, com uma média de 11% entre todos os 25 países pesquisados. E na perspectiva de “agressores”, o estudo evidenciou 3% de alunos na Suécia a 20% na Dinamarca, com uma média de 10%.² Os índices ainda são expressivos, mesmo com tantos programas anti-*bullying* como os que foram desenvolvidos pelo autor do termo, Dan Olweus, nos anos 1980, aplicado com êxito em Bergen/Noruega mas sem sucesso em outros países pois algumas das principais barreiras que limitam sua efetividade são os fatores externos ao aluno, os ataques indiretos, que são velados e o envolvimento dos professores que se não for total, compromete o programa.

Este estudo internacional enfatizou que geralmente o 4º ano da educação básica apresenta o problema significativamente, seguido do 6º e 8º anos. A pesquisa realizada por Trevisol e Uberti priorizou também a mesma faixa etária - entre 12 e 16 anos – e aponta dados bastan-

2. Todos os índices apresentados são dados da ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência.

te expressivos de evidência de *bullying*, como destacam no Quadro 2, da página 38.

A contribuição de pesquisas deste porte com a apresentada nesta publicação, legitima a necessidade de programas escolares de intervenção que já vêm ocorrendo em vários países e mesmo aqui no Brasil, mas em experiências muito pontuais. As intervenções curriculares desenhadas para promover uma atitude anti-*bullying* nas escolas e ajudar as crianças a desenvolverem habilidades para resolverem seus conflitos são fundamentais e urgentes.

É importante o incentivo da tomada de consciência do *bullying* entre os alunos para a aquisição de valores pró-sociais, como a tolerância pelas diferenças, a mudança de atitudes para a equidade social e as mudanças nas normas dos grupos. A pesquisa em questão é boa indicadora deste quesito, já que mostra resultados expressivos dos alunos – quase 50% dos entrevistados – de indignação frente às situações de *bullying*. Os entrevistados avaliados mostraram-se muito preocupados com os colegas atacados, e o mais interessante, demonstraram que procuram intervir, impedindo ou buscando ajuda. Ao vislumbrarmos estas disposições nos jovens isto se constitui um bom sinal para podermos pensar em programas para o despertar da sensibilidade moral necessária à implantação da boa convivência.

Os dados coletados e apresentados também podem ser um sinal de alerta à gestão escolar que precisa propor de maneira corajosa, intervenções de desenvolvimento de habilidades sociais dos alunos, baseadas nas mudanças cognitivas e comportamentais, desde as idades mais prematuras, além de intervenções realizadas em distintos níveis na organização total da escola. A ideia é propor programas que buscariam influir e intervir com distintas atividades em todo o ambiente escolar e envolveriam as classes, os professores, os gestores e as famí-

lias, mas o êxito dependeria da duração do programa, do compromisso e da capacitação dos professores e gestores no sentido de concretizar suas escolas como democráticas, de fato.

Por fim, as situações de incivildades presentes nas escolas ainda que frequentes, não são aceitáveis, pois trazem nefastas consequências para as vítimas, seus agressores e espectadores. Estes atos não podem ser entendidos como um problema entre duas ou três pessoas, mas como sua totalidade sistêmica e multidisciplinar que envolve toda a comunidade com seus valores, concepções e histórias de vida.

A escola não pode ser palco de agressões e conflitos constantes, mas deve sim, ser um espaço para a construção da cidadania global e dos processos de transformação social, em colaboração com as famílias, em uma lógica de relações que valorize e reconheça as diferentes competências e respeite as especificidades e o papel de cada um. A pesquisa de Trevisol e Uberti nos faz lembrar que a educação é uma atividade criadora que prepara para a liberdade, o crescimento individual e o bem comum. O *bullying* precisa ser banido do ambiente escolar para que as salas de aula possam se converter, efetivamente, em uma rede de relações solidárias e de inclusão para garantir que os alunos realmente vivenciem em seu período escolar como aquele marcado por experiências agradáveis, positivas e enriquecedoras.

APRESENTAÇÃO

Maria Teresa Ceron Trevisol

Muito se fala sobre escola, de fora, de longe, desconhecendo o que acontece a cada dia, dentro da escola, onde interagem os profissionais que nela atuam, alunos e alunas, pais, mães e a complexidade do que se passa e se cria nesse espaço/tempo de aprender e ensinar, de construção de múltiplas subjetividades, de encontros e desencontros, de socialização. (Garcia e Alves 2006, p. 15)

Enquanto educadores, pesquisadores, pais e, também, pessoas comuns, estamos sendo constantemente convidados/desafiados a refletir e a construir alternativas sobre questões preocupantes do cotidiano escolar, que implicam, diretamente, no rendimento, na aprendizagem dos alunos e nas relações interpessoais que ocorrem na escola. *Nesse e desse lugar*, buscaremos cartografar uma dessas questões: o *bullying* na escola. Segundo Garcia e Alves (2006, p. 17) “[...] estamos sempre no *entre-lugar*, o lugar de onde viemos e o lugar no qual escolhemos estar”.

Para compreendermos essa questão, necessitamos adentrar ao espaço escolar, aproximar-nos do pensamento e da compreensão dos sujeitos que ocupam, cotidia-

namente, um lugar nesse espaço, que vivenciam diferentes experiências e situações, observam-nas e utilizam critérios distintos para avaliá-las. No caso deste texto os alunos da 8ª série/9º ano do ensino fundamental foram convidados a se posicionar. Consideramos que é essencial compreender “o olhar” que esses sujeitos dirigem ao problema *bullying*, autorizá-los a traduzir sua leitura do cotidiano escolar, possibilitando “voz e vez” a esses personagens. Cabe reiterar que refletir sobre essa questão é essencial se considerado (não abandonado) o projeto de escola, de aluno e de sociedade que desejamos.

A base empírica do texto que disponibilizamos ao leitor é uma investigação com foco nos conflitos “*entre*” e “*dos*” alunos na escola. O interesse despertado por esta temática ocorreu nos anos de 2005 e 2006, quando efetuamos uma outra investigação intitulada “A (In)disciplina na escola: cartografando o fenômeno”. Essa investigação possuía o objetivo de cartografar a compreensão de diretores, coordenadores pedagógicos, professores, alunos de diferentes séries sobre as manifestações de (in)disciplina na escola. Evidenciamos que a indisciplina é um dos principais fenômenos geradores de inúmeras dificuldades, sejam elas relacionadas ao professor e aluno, entre alunos, entre direção e alunos. Além do interesse despertado pela investigação sobre a Indisciplina, nos últimos cinco anos, temos pesquisado a temática relacionada à Construção de Valores na Escola. Compreendemos que muitas das manifestações de indisciplina, bem como de *bullying* estejam relacionadas à ausência da construção da base moral e dos valores nos alunos, seja em sua família, na escola ou em outras interações. Compartilhamos com o entendimento de Tognetta (2011), quando enfatiza que “[...] crianças e adolescentes que desrespeitam os outros ou se deixam desrespeitar não construíram por si um autorrespeito (não tem consciência de seu valor e do outro)”.

O interesse pela temática do *bullying* na escola permitiu, também, desafiar alunos de cursos de especialização, do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e conduzir o processo de construção de investigações permeando aspectos constituintes e reveladores de facetas envolvidas neste foco.

Considerando que os problemas relacionados aos conflitos interpessoais na escola, como desavenças, indisciplina, *bullying*, violência, entre outros, demandam especial atenção do contexto escolar e dos profissionais que atuam neste contexto, partimos do pressuposto de que é necessário conhecer a rede de elementos que constitui esses problemas visando planejar, de maneira adequada, possíveis intervenções visando a mudança do cenário problemático. Para que isto ocorra é fundamental preparar os profissionais que atuam na escola com acervo teórico e prático. Os dados coletados por meio de pesquisas auxiliam a compreender o que ocorre na escola e as razões por que ocorrem, constituem material precioso de análise e leitura do contexto escolar e das relações explícitas ou não que acontecem naquele contexto. Da mesma forma, é importante que o conhecimento produzido por meio das investigações se reverta em conhecimento para as acadêmicas dos Cursos de Licenciatura que estão em processo de formação, entre outros cursos. A Universidade não pode deixar de preparar os futuros professores para poder analisar as situações problema do contexto escolar e tendo como norteador o conhecimento científico favorecer a organização dos encaminhamentos necessários para modificar as situações problema que lá ocorrem.

Este livro é um convite a todos os profissionais que atuam na escola, bem como os alunos e suas famílias! Desejamos a todos momentos reflexivos e promissores em termos de ideias e de encaminhamentos do cenário problemático envolvendo os conflitos interpessoais na escola.

INTRODUÇÃO

Todos os dias, alunos sofrem com algum tipo de violência na escola. Alguns estudos revelam que esse comportamento, que até pouco tempo atrás era considerado inofensivo e que recebe o nome de *bullying*, pode acarretar diversas consequências ao desenvolvimento psíquico dos alunos. Segundo Silva (2010a, p. 111) “o *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola”. Embora seja um tema antigo os estudos científicos sobre tal temática só iniciaram na década de 70, mais precisamente na Suécia (Silva, 2010a). Alguns anos mais tarde, o pesquisador norueguês Dan Olweus iniciou os estudos científicos sobre o *bullying* no âmbito escolar em seu país, realizando um estudo que reuniu, aproximadamente, oitenta e quatro mil alunos, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos, objetivando avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o fenômeno *bullying* se apresentava na vivência escolar dos alunos pesquisados (Silva 2010a, 2010b).

O *bullying*, termo inglês popularizado no Brasil, possui amplo significado e aplica-se a todo tipo de tortura física e psicológica repetitiva de que são vítimas as crianças e adolescentes que têm como algozes seus próprios colegas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeito-

sas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores (Gomes e Sanzovo 2013, p. 17).

Segundo Eynng (2011, p. 103) “a existência de violência nas escolas é inegável [...]”. Outros estudiosos sobre a temática da violência, *bullying*, indisciplina e suas implicações no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, como Fante (2005); Francisco e Libório (2008); Silva (2010a); Bandeira e Hutz (2010); Lopes Neto (2011); Teixeira (2011); Maldonado (2011); Tognetta e Vinha (2010a, b); Moura, Cruz e Quevedo (2011); Tognetta (2013); Garcia, Tognetta e Vinha (2013); Tognetta, Leme e Vicentin (2013); Dalosto e Alencar (2013); Salgado, Senra e Lourenço (2014); Zottis *et al.* (2014); Zluhan e Raitz (2014) entre outros, enfatizam que a violência nas escolas está se apresentando como um problema social grave e complexo. O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, pode resultar da interação entre o processo de desenvolvimento individual e os contextos sociais, como família, a escola, a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior³ é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros e se transformem em espaços em que também há violência, sofrimento e medo.

Considerando que os problemas relacionados aos conflitos interpessoais na escola, como desavenças, indisciplina, *bullying*, violência, entre outros, demandam

3. As culturas patriarcais geralmente convidam os meninos a ser durões e a demonstrar a força física. As culturas capitalistas enfatizam a importância de ser um vencedor, de ter a razão e de estar no topo da hierarquia. As culturas individualistas promovem um foco sobre as próprias necessidades do indivíduo, seus desejos e seus direitos, muitas vezes à custa da comunidade (Beaudoin e Taylor 2006, p. 26). “O *bullying* é um dos sintomas do mundo pós-moderno, em que são acentuadas as necessidades de sermos vistos pelos outros como o “garanhão”, o “jovem”, o “famoso” (Tognetta 2011, p. 150).

especial atenção no contexto escolar e dos profissionais que atuam neste contexto, faz-se necessário conhecer a rede de elementos, tanto interpessoal quanto intrapessoal, que embasa esses problemas visando planejar, de maneira adequada, possíveis intervenções visando à mudança do cenário problemático.

Nesse sentido, este texto se propõe a analisar a compreensão de alunos pré-adolescentes e adolescentes, na faixa de idade entre 12 a 16 anos, que frequentam a 8ª série/ 9º ano do ensino fundamental quanto às razões promotoras de manifestações de *bullying* em sua escola; como se posicionam frente a estas manifestações; e, como avaliam os encaminhamentos tomados pela escola e por seus profissionais visando solucionar as situações envolvendo conflitos *entre* e *dos* alunos.

A justificativa pela opção por uma amostra constituída por alunos adolescentes se deve a hipóteses sobre possíveis razões promotoras das manifestações de *bullying* embasadas pelos autores vinculados à psicologia do desenvolvimento e psicologia moral que analisam e discutem esta questão. A *primeira* delas se refere ao período do desenvolvimento que é a pré-adolescência e/ou adolescência. Este período se caracteriza como de constituição/confirmação do ego, da identidade social e sexual (Erikson, 1976a), período de autoafirmação o despertar do interesse pelo sexo oposto, a maturidade biológica, enfim, uma fase repleta de mudanças e transformações. A *segunda* hipótese se refere ao papel/lugar da escola e do estudo na vida do adolescente e projeção de futuro destes sujeitos. Muitas vezes, a ausência deste gosto ou da atribuição de sentidos ao contexto escolar e às atividades de estudo que são desenvolvidas neste contexto podem desencadear manifestações de *bullying*, particularmente dirigidas aos alunos definidos como os bons alunos ou CDF's. Além destas duas hipóteses, há a *terceira* que se refere à dimensão da moral, do como e por que devo agir,

a ausência do respeito pelo outro, ausência de limites, de regras morais, validação da importância destas regras pelos sujeitos que praticam o *bullying*, acreditando que tudo podem a qualquer momento e situação. A visão ego-cêntrica é superior ao cooperar e viver com os outros. Buscou-se, com a investigação realizada, verificar em que medida estas hipóteses configuram o quadro problema vivenciado em muitas escolas.

A base empírica deste texto é uma investigação⁴ de cunho exploratório e de natureza quanti-qualitativa. A amostra foi constituída por 171 adolescentes, estudantes da 8ª série/9º ano. Os alunos investigados são oriundos de duas escolas, uma pública e outra particular da rede de ensino de um município da região Oeste de Santa Catarina. Os alunos são procedentes de diversos locais do município, já que, ambas as escolas estão localizadas na região central da cidade. Da escola particular foram coletados 64 questionários (duas turmas) e da pública, 107 questionários (5 turmas). Tal amostra possibilita diversidade de contextos sociais, econômicos, familiares, entre outros, a que estes sujeitos são representantes. Não constituiu objetivo do estudo realizado efetuar comparações entre as diferentes amostras de alunos, mas os consideramos enquanto uma amostra representativa da população adolescente que frequentava este ano letivo.

Como procedimento de coleta de dados com os alunos foi utilizado um questionário⁵ composto por 24 questões, 23 questões fechadas e 01 questão aberta que permitia aos participantes a sua manifestação, tendo como foco: situações do cotidiano escolar em que é evidenciado o *bullying*; como os alunos avaliam estas

4. Projeto de Pesquisa que contou com bolsa PIBIC/CNPQ.

5. O Questionário utilizado para a coleta de dados foi inspirado (adaptado) do instrumento utilizado por Fante e Pedra (2008) e Rolim (2010).

situações; o que fariam se estivessem envolvidos; como se sente quem pratica o *bullying* e quem sofre a ação; as razões que podem levar um aluno a praticar o *bullying*; e, como a escola e seus profissionais encaminham estas situações. A quantidade de sujeitos que fizeram parte da amostra dependeu do aceite da escola e da participação dos sujeitos na investigação. Todos os pesquisados foram consultados e receberam um Termo de Consentimento Livre Esclarecido detalhando os objetivos da pesquisa, os procedimentos utilizados para a coleta dos dados e solicitando a autorização dos pais e/ou responsáveis pelos alunos.

As respostas dos questionários foram tabuladas com a utilização de uma ferramenta *online* (Google Docs). Para tanto, as questões que compuseram o questionário, procedimento de coleta de dados, foram agrupadas visando responder a cada um dos objetivos da pesquisa. Além da tabulação quantitativa dos dados, os comentários inseridos pelos alunos no decorrer dos questionários foram analisados cuidadosamente, e inseridos na análise dos dados, dada a sua pertinência ao estudo.